

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS

CÍNTIA PEREIRA DA CUNHA

**PAISAGEM INVENTADA:
UMA PRÁTICA ARTÍSTICA NA CERÂMICA**

CRICIÚMA

2012

CÍNTIA PEREIRA DA CUNHA

**PAISAGEM INVENTADA:
UMA PRÁTICA ARTÍSTICA NA CERÂMICA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharelado no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas.

Orientadora: Prof^a. Ma. Odete Angelina Calderan

CRICIÚMA

2012

CÍNTIA PEREIRA DA CUNHA

**PAISAGEM INVENTADA:
UMA PRÁTICA ARTÍSTICA NA CERÂMICA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Cíntia Pereira da Cunha, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas.

Criciúma, 26 de junho de 2012

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Odete Angelina Calderan – Mestrado – (UFSM)
Orientadora

Prof^a. Angelica Neumaier – Especialista – (UNESC)

Prof. João Luis Silva Rieth – Mestrado – (UNESC)

Dedico este trabalho a meus pais, Almiro e Elmíria, aos quais eu amo, e são exemplos para mim, pois foram eles quem mais acreditaram neste sonho. As minhas irmãs Susana e Simone por tudo que me ajudaram até hoje.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por me conceder a vida, que me ilumina em todos os momentos, e com a força que ele me proporcionou foi possível alcançar esta conquista.

A minha família que amo muito, em especial minha mãe Elmiria que vibrou e me apoiou com todas as vitórias que consegui na faculdade. Ao meu pai Almiro que sempre acreditou, porém, antes de terminar este sonho já não se fez mais presente aqui, ao meu lado em presença, somente em pensamentos me iluminando. Esta vitória conquistada é também em sua homenagem, pelo exemplo que nos deixou para seguir.

A minhas irmãs Susana, Simone e meus cunhados Rafael e Lucas pela força e o carinho com que me ajudaram sempre.

A professora orientadora Odete Calderan que me ajudou muito a desenvolver este trabalho, expondo seus ensinamentos, idéias e colaborando muito com trocas dialógicas na prática artística.

A professora Jussara (in memórian) que me fez ter encanto pela cerâmica, o meu eterno agradecimento por todo carinho e conhecimento passado para os alunos no decorrer da carreira.

Aos demais professores, colaboradores e a coordenação do curso de Artes Visuais que, ao longo da trajetória nos ensinaram com sabedoria e muita dedicação.

Aos colegas que sempre foram maravilhosos, uma turma muito produtiva, em especial aos amigos queridos Halbertina, Simone e Glauco pela amizade e companheirismo conquistado.

A todos os meus amigos, que direta ou indiretamente, colaboraram na realização desta pesquisa. Muito obrigada!

As Árvores

**As árvores são fáceis de achar
Ficam plantadas no chão
Mamam do céu pelas folhas
E pela terra
Também bebem água
Cantam no vento
E recebem a chuva de galhos abertos
Há as que dão frutas
E as que não dão frutos
As de copa larga
E as que habitam esquilos
As que chovem depois da chuva
As cabeludas, as mais jovens mudas
As árvores ficam paradas
Uma a uma enfileiradas
Na alameda
Crescem para cima como as pessoas
Mas nunca se deitam
O céu aceitam
Crescem como as pessoas
Mas não são soltas nos passos
São maiores, mas
Ocupam menos espaço
Árvore de vida
Árvore querida
Perdão pelo coração
Que eu desenhei em você
Com o nome do meu amor.**

Arnaldo Antunes (1992)

RESUMO

A presente pesquisa, intitulada *Paisagem inventada: uma prática artística na cerâmica*, realizada na área de Processos e Poéticas Visuais do curso de Artes Visuais, trata do desenvolvimento de um pensamento reflexivo entrecruzado a minha prática artística pessoal. Para isso, busco nas minhas memórias da infância o dispositivo para a criação da obra - um conjunto de forma/árvores, desenvolvido a partir do encontro processual com a materialidade da cerâmica. Dada essa experiência e vivência na cerâmica encaminho o foco de discussão para a seguinte indagação: como os processos de cerâmica estão sendo abordados pelos artistas contemporâneos regionais? Busco assim, elucidar as questões e desdobramentos surgidos neste percurso poético, apresentando um recorte histórico bibliográfico abrangendo essa linguagem milenar e as conexões presentes no contexto contemporâneo. Construo ainda, novas relações de sentido a partir de diálogos com três artistas regionais que comungam o mesmo interesse e encantamento pela cerâmica. Finalizo esta pesquisa concluindo que, a memória como tônica dessa produção artística na cerâmica fortemente marcada pelo universo pessoal da artista vem contribuir para a percepção e valorização de processos e poéticas inseridos no contexto contemporâneo.

Palavras-chave: Processo Artístico. Cerâmica. Memória. Paisagem.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

figura 1 - <i>Caderno/Árvore</i> , 2012	16
Figura 2 - <i>Essência da Vida</i> , 2012	17
Figura 3 - Caderno de Artista	18
Figura 4 - Preparação da Argila	22
Figura 5 - Modelando Peças Cerâmicas	24
Figura 6 – Forma/Árvores em Processo de Secagem.....	25
Figura 7 – Forma/Árvores em Processo de Secagem.....	25
Figura 8 – Forma/Árvores Queimadas em Forno Cerâmico.....	26
Figura 9 – Forma/Árvores Esmaltadas.....	27
Figura 10 – Instalação: Detalhe - <i>Paisagem Inventada</i> , 2012.....	30
Figura 11 – Instalação: <i>Paisagem Inventada</i> , 2012	34
Figura 12 – Instalação: Detalhe - <i>Paisagem Inventada</i> , 2012.....	35
Figura 13 - S/Título, 1999	43
Figura 14 - S/Título, 2009	44
Figura 15- <i>Passagens-Vaginas</i> (Nômades E Anônimas)	45
Figura 16 - Ninho de João-de-Barro.....	46
Figura 17- Exposição “La Génétique Hedoniste”, 2008.....	47
Figura 18- Ovóides e Embriões, 2010.....	48
Figura 19- Planta Baixa da Galeria de Arte Contemporânea da Fcc.....	56
Figura 20- Forma/Árvore Queimada em Forno Cerâmico.	57
Figura 21- Instalação Paisagem Inventada.	58

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense

CEART – Centro de Artes do Estado de Santa Catarina

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

FCC – Fundação Cultural de Criciúma

SC – Santa Catarina

RS – Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUZINDO OS CAMINHOS PERCORRIDOS.....	11
2 PROCESSO ARTÍSTICO.....	14
2.1 MOLDANDO MEMÓRIAS	14
2.2 ENCONTRO DA FORMA.....	15
2.3 MATERIAL ARGILA	20
2.4 CRIAÇÃO ARTÍSTICA	23
2.5 PAISAGEM INVENTADA NA CERÂMICA	28
3 ARTE CONTEMPORÂNEA	31
3.1 INSTALAÇÕES NA ARTE CONTEMPORÂNEA.....	33
4 CERÂMICA.....	36
4.1 ORIGEM E EVOLUÇÃO CERÂMICA.....	36
4.2 CERÂMICA CONTEMPORÂNEA	37
4.3 CERÂMICA UTILITÁRIA E DECORATIVA.....	38
4.4 CERÂMICA ARTÍSTICA.....	39
4.5 CERÂMICA MUNDIAL E BRASILEIRA.....	39
4.6 CERÂMICA REGIONAL.....	41
5 DIÁLOGOS COM ARTISTAS REGIONAIS	42
5.1 ALEXANDRE ANTUNES.....	42
5.2 ROSANA BORTOLIN.....	44
5.3 ILCA BARCELLOS.....	47
6 ABORDAGEM METODOLOGICA.....	49
7 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS CAMINHOS CONSTRUÍDOS	51
REFERÊNCIAS.....	53
ANEXO(S).....	55
ANEXO (A).....	56
ANEXO (B).....	57
ANEXO (C).....	57

1 INTRODUZINDO OS CAMINHOS PERCORRIDOS

No andar do tempo, vão ficando as lembranças; os guardados vão se acomodando em nossas gavetas interiores. Como temos cicatrizes! A vida foi causando essas feridas que nos acompanham até o fim. Nós somos tartarugas, carregamos a casa. Essa casa são as lembranças. Não poderíamos testemunhar o hoje se não tivéssemos por dentro o ontem, porque seríamos tolos a olhar as coisas como recém-nascidos, como sacos vazios. Nós só podemos ver as coisas com clareza e nitidez porque temos um passado. E o passado se coloca para ajudar a ver e compreender o momento que estamos vivendo. IBERÊ CAMARGO (1998)

Ao pensar nos caminhos que percorri ao longo da vida, olhar para a trajetória é sempre nos reencontrar com lembranças e vivências que fazem parte de nós, que nos fazem compreender quem somos no presente e sobre os percursos que fomos escolhendo. Muitas vezes, as lembranças, as memórias, os nossos guardados, estão escondidos dentro de nós, precisamos estar atentos, ouvi-los e então sim, nos lançamos rumo ao desconhecido, encarar o novo, que logo, fará parte da gaveta de guardados.

Acredito que minha caminhada na arte, ainda que breve, reflete hoje um pouco sobre estas escolhas. Ao ingressar no curso de Artes Visuais – Bacharelado, em 2008, encontrei na cerâmica um caminho a ser percorrido. Busquei no processo de criação na cerâmica, nas possibilidades técnicas, procedimentos e métodos de construção, o resgate da minha memória pessoal, abordado ainda que, intuitivamente a princípio, realizados no bi e tridimensional.

Essa identificação com a cerâmica surgiu ainda no primeiro contato com o material – a argila, e passou a se tornar uma experiência única, era algo que não conseguia expressar com minhas próprias palavras, mas encontrei na artista e autora Nakano,¹ a compreensão por tal fascinação, que vinha do fato de poder lidar com os elementos da natureza – a terra, a água, o ar e o fogo. Além disso, o ritual implícito na possibilidade de dar forma e vida a um material amorfo, bem como, o respeito e a humildade diante deste material atuam como força para se explorar as possibilidades da “terra” – a argila.

Desse modo, motivada a aprofundar as questões processuais e reflexivas durante este percurso, propus a realização dessa pesquisa intitulada *Paisagem inventada: uma prática artística na cerâmica*, tendo como fio condutor a minha

¹ Katsuko.Nakano. Artista ceramista brasileira reside e trabalha atualmente em São Paulo, autora do livro “Terra fogo homem,” de 1989.

prática artística pessoal no processo de criação artística na cerâmica.

Parto da seguinte indagação: Como os processos de cerâmica estão sendo abordados pelos artistas contemporâneos regionais?

O objetivo central da pesquisa trata do desenvolvimento de um pensamento reflexivo entrecruzado a minha prática artística pessoal e desdobramentos inseridos em seu contexto. Igualmente importante, nos específicos, destaco os encontros e entrelaçamentos com práticas artísticas de ceramistas regionais inseridos no contexto contemporâneo; pontuo parcialmente a evolução da arte cerâmica desde seu surgimento até a atualidade e finalmente busco o promover a valorização de processos e práticas da cerâmica e sua inserção no contexto da arte contemporânea.

A pesquisa aqui apresentada segue a seguinte ordenação de conteúdos elaborados á medida em que a prática artística avança seguida de leituras pontuando questões e reflexões.

No primeiro capítulo introduzo o caminho processual trazendo a organização textual da pesquisa para estabelecer com os leitores (estudantes, professores, artistas, curiosos entre outros) uma aproximação sobre o teor abordado.

No segundo capítulo conduzo um olhar investigativo para as atividades práticas e dinâmicas de ateliê, o processo artístico propriamente dito, o qual resultou na produção da obra (forma/árvores). Esta dinâmica de trabalho estimulou a busca de contribuições de autores como Bachelard (1988), Canton (2009) e outros, procuro assim, relacionar a prática e a reflexão teórica.

No terceiro capítulo estabeleço algumas reflexões a respeito da arte contemporânea elucidando aspectos gerais importantes. Os referenciais teóricos contam com estudos de autores reconhecidos pelas pesquisas na área como Cauquelin (2005), Cocchiarale (2006), Coelho (2006) entre outros.

No quarto capítulo devido ao meu grande interesse pela linguagem cerâmica e pela matéria prima, a argila utilizada no trabalho artístico apresento, um breve panorama de sua história desde o início da civilização até a atualidade, conduzo um olhar para a cerâmica utilitária, artística e decorativa, pontuando ainda a cerâmica mundial, brasileira e regional.

No quinto capítulo construo diálogos com artistas regionais tais como: Alexandre Antunes (Criciúma), Rosana Bortolin (Florianópolis), Ilca Barcellos (Florianópolis), destacando sua carreira, processo artístico e algumas obras.

No penúltimo capítulo me detenho na abordagem metodológica empregada para a realização deste estudo. Onde é importante observar que na investigação em arte não existe roteiro prévio para o desenvolvimento do trabalho. As atividades práticas se deram simultaneamente as reflexões teóricas, uma solicitando a outra até a concretização final da obra.

Assim, nas considerações finais apresento os caminhos construídos durante este período da realização pesquisa, exponho a produção da obra, seu contexto experienciado e vivenciado onde foi gerada, trazendo contribuições e percepções de sentido para minha obra e novas práticas artísticas na cerâmica contemporânea.

2 PROCESSO ARTÍSTICO

Neste capítulo apresento o processo de criação colocando em foco as vivências e experiências surgidas no percurso da prática artística na cerâmica, propondo primeiramente o encontro fundamentado nas memórias da infância, lembranças que fazem parte da minha história pessoal, de encontros e (re)encontros com a matéria, a forma, as pessoas e os lugares.

2.1 MOLDANDO MEMÓRIAS

Ao pensar na minha trajetória de vida, são muitas as recordações que vêm em mente, desde as brincadeiras na terra, o andar descalça as vivências da criança em meio à natureza, a vida simples do interior. Segundo Bachelard (1988, p. 94), “a memória é um campo de ruínas psicológicas, um amontoado de recordações. Toda a nossa infância está por ser reimaginada. Ao reimaginá-la, temos a possibilidade de reencontrá-la na própria vida dos nossos devaneios de criança solitária.” Essas experiências vividas trazidas para o presente, para o aqui e o agora, de encontros e (re)encontros faz-se refletir em um futuro de criações, uma espécie de fonte de inspiração para as criações artísticas.

O resgate da infância com toda a sua inocência levam-me para um mundo de idealizações, traz à tona a memória de assuntos vividos que nos são herdados e apreendidos no decorrer de nossa existência. Para a autora Canton (2009, p. 58), “o tempo da memória, afinal, não é apenas o tempo que já passou, mas o tempo que nos pertence”. Sendo assim, nesta caminhada artística ainda em percurso, sendo construída, se misturam memórias da infância com fatos mais recentes, fazendo um entrelaçamento de ideias, lembranças que embrenham meu imaginário através das primeiras experimentações artísticas. Faz-se aflorar recordações do passado, vê-se formar uma linha do tempo, que conta a minha história, do encontro ainda nesse primeiro momento conhecido até então, como - o barro.

Em uma época ainda não tão distante, onde o brincar na terra, o modelar se fez presente, misturado às vivências na natureza, a transição da infância a fase adulta não deixou se apagar as referências que se encontram guardadas na memória. Estas por sua vez, se fizeram recentes em um novo encontro, com mais intensidade, a terra da infância, aquele barro foi substituído hoje pela materialidade

da argila ², pela cerâmica. A criança que antes fazia objetos imaginados brincando, foi feliz, sofreu, amadureceu e cresceu, mas nunca se esqueceu dos doces momentos vividos.

Como a vida é feita de escolhas ingressei no curso em Artes Visuais aqui na Unesc, precisamente em (2008), e dentre tantos professores e disciplinas importantes e instigantes, uma em especial me tocou de maneira muito especial, foi a professora Jussara Guimarães³. Seus ensinamentos, sabedoria e alegria fizeram aflorar em mim as recordações da infância e o despertar para a prática artística em cerâmica.

No transcorrer desse período no curso experienciei e aprendi as diversas linguagens, técnicas, métodos e materiais e que me fizeram ter certeza pela escolha tomada, a linguagem da cerâmica. Assim, a partir dessa escolha surgiram novos dilemas, o encontro da forma ideal para as propostas artísticas, para os diálogos e reflexões.

2.2 ENCONTRO DA FORMA

Vários foram os caminhos até chegar à forma almejada. Em uma busca pelo autoconhecimento, abriu-se um baú de histórias e memórias, fonte de idéias e percepções, que mudaram a essência do objeto artístico. Ao se ter em mãos fragmentos de outros processos artísticos já realizados, outras linguagens mostraram-se um novo caminho a seguir, uma espécie de ponto de partida para o desenvolvimento da obra.

Para muitos o caderno de artista é considerado um objeto artístico. Ao se criar um caderno, começa a nascer uma história, contada pelo artista em relação a sua arte, sua maneira de desenvolver trabalhos. Pensando nisso, trago minhas obras, que se apropria de um caderno de artista e de escultura em argila, para ressaltar os processos da arte.

² Argila - denominação utilizada pela maioria dos artistas ceramistas, na sequência do subcapítulo melhor defendida.

³ A professora Jussara Guimarães (1948 - 2011), uma grande artista, professora da disciplina de Cerâmica Artística e Escultura e Pesquisa dessa instituição. Responsável pela formação de uma geração de artistas em seus trinta anos de atuação. Ceramista prestigiada em toda a região, vários são suas obras em cerâmica e painéis espalhados pela cidade de Criciúma/SC.

A busca pela forma mais adequada de representação do processo foi a descoberta do formato orgânico da árvore. Para Salles (2007, p.75), “a forma surge pela necessidade de expressão do artista, daí a intimidade que ele mantém com sua forma.” O fazer artístico é como uma árvore, que vem de ideias pequenas como sementes, com o tempo germina, passando a se tornar um broto, este por sua vez vai recebendo força, se nutrindo, e crescendo, ganha espaço e é notada por quem se interessa pelo assunto.

A árvore se enraíza no *Caderno de Artista*,⁴ destacando o processo da criação desenvolvimento e produção. Há uma relação entre esses elementos, a árvore transmite os valores da memória, também é uma fonte de matéria para o processo de criação no fazer artístico.



Figura 1 - Caderno/árvore, 2012
Fonte: Arquivo pessoal da autora

⁴ Prática artística realizada na disciplina de Escultura e Pesquisa. Professora Odete Angelina Calderan. 8º Fase do curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Outro trabalho que apresento com o título *Essência da Vida*,⁵ esta proposta artística tem relação com a vida das pessoas, cada ser possui um perfume, uma essência, todos nós possuímos uma vida que não se assemelha aos dos outros. Criação diferente, modo de pensar variado, jeito de viver que se difere.



Figura 2 - *Essência da Vida*, 2012

Fonte: Arquivo pessoal da autora

A busca pela forma mais adequada para representar a vida e sua essência foi a (re)descoberta da forma/árvore, assim dando continuidade ao trabalho anterior, (Caderno/árvore) destaco novamente no processo o elemento - uma árvore. Parte das ideias de pequenas sementes e que, com o tempo germinam, tornam-se brotos, e por sua vez recebem força, se nutrem e crescem ganhando o espaço. A forma/árvore me atrai e traz a tona lembranças da vida na cidade de interior.

⁵ Prática artística realizada na disciplina de Escultura e Pesquisa. Professora Odete Angelina Calderan. 8º Fase do curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

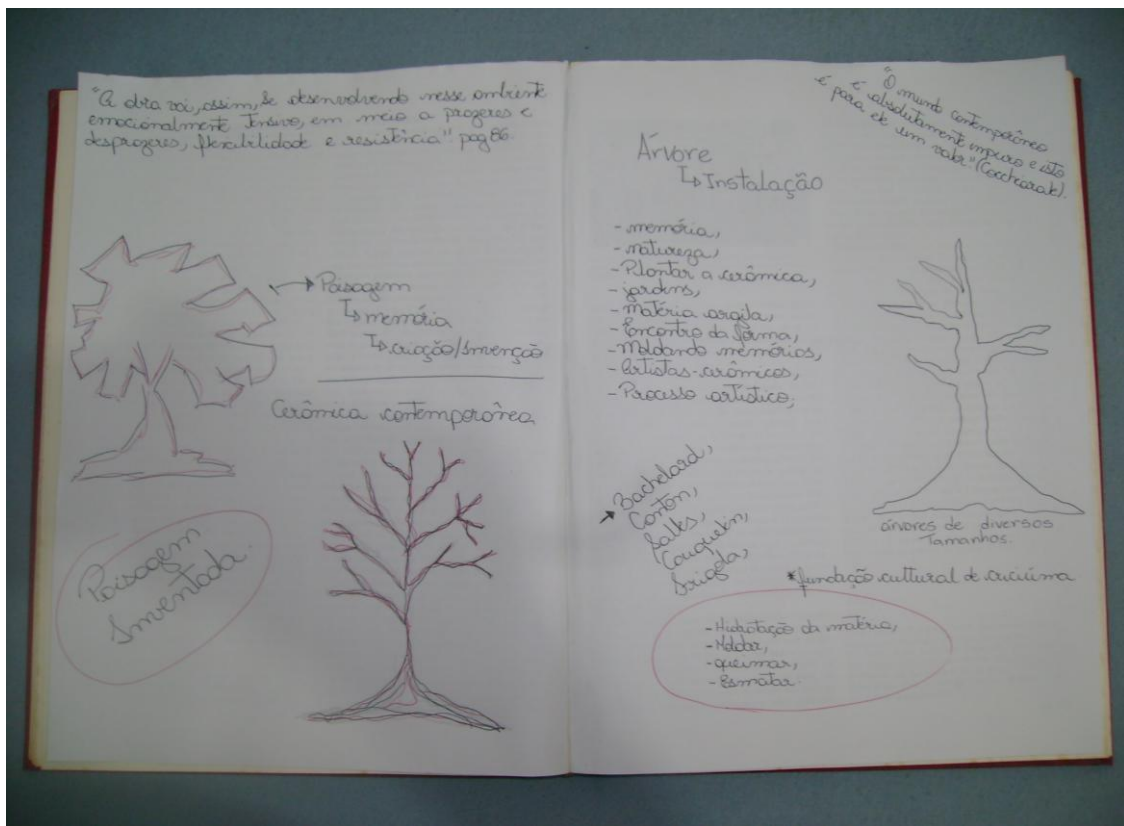


Figura 3 - Caderno de artista
Fonte: Arquivo pessoal da autora

Este elemento da forma/árvore ganha novos significados à medida que o artista lida constantemente com seu processo, seu fazer. Assim sendo, a medida que o tempo passou o processo avançou, a questão da memória tomou conta do trabalho e algo muito mais atraente se tornou visível. Até então, o desenvolvimento de um painel cerâmico tomava conta desse imaginário ainda em transição, e eis que surge a grande ideia, prontamente documentada no meu caderno de artista através de esboços preliminares e muitos croquis para as propostas e anotações para textos reflexivos.

Ao observar os vestígios deixados no caderno de artista, percebo que estes serviram também como fonte de pesquisa (gaveta dos guardados) e fio condutor para as criações. Essa tarefa de se propor a documentar as ideias faz com que o artista, de certa forma se recorde e invente novas relações e situações para novas criações.

Segundo a autora,

a função desempenhada pelos documentos de processos é a de registro de experimentação, deixando transparecer a natureza indutiva da criação. Nesse momento de concretização da obra, hipóteses de naturezas diversas são levantadas e vão sendo testadas. Encontramos experimentação em rascunhos, estudos, croquis, plantas, esboços, roteiros, maquetes, copiões, projetos, ensaios, contatos, *story-boards*. Mais uma vez, a experimentação é comum, as singularidades surgem nos princípios que direcionam as opções. (SALLES, 2007, p. 18)

Desse modo, a criação de uma obra de arte passa por várias etapas em seu processo de construção, parte de uma ideia, depois, para o desenvolvimento dos esboços, do desenho, para a escolha do material a ser trabalhado, conversas paralelas com artistas, autores, espectadores, leituras, elaboração textual, tudo gera assim um armazenamento para as criações das propostas práticas. Ainda fazendo conexões com Salles (2007, p. 18), onde aponta que, “o artista encontra os mais diversos meios de armazenar informações, que atuam como auxiliares no percurso de concretização da obra, e que nutrem o artista e a obra em criação.”

Assim, ao investigar a minha história pessoal, lembrar o passado, as experiências vividas, esse encontro proporcionou novas possibilidades para o processo e desenvolvimento da obra em cerâmica.

Para Bachelard,

as imagens visuais são tão nítidas, formam com tanta naturalidade quadros que resumem a vida, que têm um privilégio de fácil evocação nas nossas lembranças de infância. Mas quem quisesse penetrar na zona da infância indeterminada, na infância a um tempo sem nomes próprios e sem história, seria sem dúvida ajudado pela volta das grandes lembranças vagas, como as lembranças dos odores de outrora. Os odores! Primeiro testemunho da nossa fusão com o mundo. Essas lembranças dos odores do passado, nós as reencontramos fechando os olhos. Fechamos os olhos outrora para saborear-lhes a profundidade. Fechamos os olhos, e assim imediatamente nos pusemos a sonhar. E ao sonhar, ao sonhar simplesmente, num devaneio sereno, vamos reencontrá-las. [...] Há memórias que são fiéis a essa intimidade. (BACHELARD, 1988, p.131-132)

A memória que alimenta a forma vem do passado, comungo com Salles (2007, p. 100), “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repassar com imagens de hoje as experiências do passado. A memória é ação, e a imaginação não opera, portanto, sobre o vazio, mas com a sustentação da memória.” Assim, a criatividade vem das vivências, das experimentações, das lembranças guardadas na mente imaginativa do artista.

No quintal da minha casa (da infância) muitas eram as árvores plantadas lá. Pela janela da casa, via sua dança, folhas e galhos embalados pelo vento, se ficava ouvindo o barulho dos mesmos quando passava uma tempestade, pareciam ficar nervosos e quando a chuva parava a brincadeira começava, ao balançar seus galhos uma nova nuvem de água surgia, molhando assim a infância não apenas minha, mas de varias pessoas que um dia já foram verdadeiramente crianças.

A forma orgânica da árvore me atrai pela sua maleabilidade, o crescimento, sua demonstração no movimento, algo grandioso que acompanha a vida de qualquer ser humano. Onde quer que se vá haverá uma árvore presente na sua vida. Novamente comungo com Salles (2007, p. 75), onde diz que: “a forma surge pela necessidade de expressão do artista, daí a intimidade que ele mantém com sua forma.” Lembranças da vida na cidade de interior onde se brincava, alimentava-se e se consumia tudo de bom que ela podia oferecer. O frescor da sua sombra nos dias quentes de verão, o calor da madeira queimando no fogão a lenha no inverno, os frutos que servem de alimento não apenas para as pessoas, mas também para animais; sua textura, seu envolvimento, seus galhos que se embaraçam uns aos outros, a riqueza de detalhes e sua beleza.

Em algumas culturas a forma/árvore ganha caráter religioso, trazendo consigo um forte apelo simbólico, sendo de fundamental importância para a vida. Sua essência esta presente em todos os lugares, essas se engrandecem, seus motivos de existência tornam-se experiências do cotidiano do homem, a forma/árvore ganha força em diversos trabalhos. É com essa visão e com a maneira muito pessoal que desenvolvo minha obra, parto primeiramente da escolha da matéria sendo essa, de suma importância para o desenvolvimento do objeto artístico.

2.3 MATERIAL ARGILA

Das experimentações da infância a utilização da argila como matéria na elaboração de trabalhos, passou-se um tempo de amadurecimento de ideias.

Conforme Frigola,

O termo argila designa aqueles depósitos térreos naturais que a contêm e que apresentam a original propriedade da plasticidade. A argila provém do envelhecimento ou da decomposição de rochas graníticas, do feldspato e dos pegmatite que ao longo de milhões de anos foram submetidos à ação mecânica da água, do vento, dos glaciares e dos movimentos tectônicos, em

colaboração com a ação química da água, do dióxido de carbono, dos ácidos úmidos e, com menor frequência, dos gases de enxofre e de flúor, ajudados por elevadas temperaturas. (FRIGOLA, 2006, p. 20)

O escolher deste material fez-se no decorrer do curso, onde houve um interesse por sua riqueza de detalhes, sua formação e processo e a possibilidade de criação.

Ainda segundo Galvão (2008, p. 91),

A matéria cede ao gesto, incessantemente, permitindo experimentações, sugerindo novas possibilidades. Alterando as proporções desses materiais, a matéria vai se transformando, de mais sólida e resistente em mais plástica e flexível, até se liquefazer. Em cada fase dessa escala, tipos diferentes de interação são possíveis e novas formas são sugeridas.

A argila trás em si diversas possibilidades de trabalho, desde sua forma mais líquida conhecida como barbotina, utilizada em estúdios, ateliês, indústrias e vertida em fôrmas (moldes) especiais de gesso; a massa cerâmica é a mais utilizada em ateliês, devido a facilidade para modelagem.

Para Dutra (2005, p. 32),

os vários tipos de argila diferem entre si, sendo alguns mais utilizados do que outros. A eleição da matéria prima a ser utilizada se dá em função do trabalho a ser realizado e da forma muito pessoal com que o artista se relaciona com o material, através de técnicas milenares ou particulares de produzir o objeto cerâmico.

As argilas podem ser classificadas em dois grandes grupos: argilas primárias e secundárias. Normalmente as argilas primárias segundo Frigola (2006, p. 20), “são as que permaneceram na sua posição original ou que provêm da rocha-mãe devido à ação dos diferentes agentes atmosféricos.”

Quanto às argilas secundárias, segundo a mesma autora Frigola (2006), caracterizam-se pela plasticidade, redução de tamanho na secagem e na queima (encolhem) e são pouco refratárias. Normalmente seus depósitos (jazidas) estão localizados em locais diferentes de sua formação por terem sido arrastadas de seu local de origem pela ação dos ventos, rios, chuvas, etc., sendo que, essa mudança ocorreu a partir de milhares de anos. Caracterizam-se por conter em sua estrutura partículas muito pequenas, e normalmente em sua formulação contém óxido de ferro, quartzo, feldspato e materiais orgânicos, encontradas em locais baixos.



Figura 4 - Preparação da argila
Fonte: Arquivo pessoal da autora

Nessa pesquisa utilizo argila de Maracajá/SC⁶, de coloração preta caracterizando-se por ser uma argila de ótima plasticidade e que reduz de tamanho antes e após a queima. A cor escura (matéria-orgânica), quase preta permanece antes da queima da peça cerâmica, após a queima torna-se clara. Ao adquirirmos as argilas desse lugar, elas chegam embaladas próprias para uso no ateliê, basta apenas sovar muito e utilizá-las. No meu caso reutilizei muitas argilas guardadas no ateliê, deixei-as secando ao sol e ao vento em um recipiente, depois de certo tempo quando estavam bem secas, coloquei água, hidratando-as. Para auxiliar a secagem as verti sobre placas de gesso para perderem o excesso de água, em seguida, as coloquei em saquinhos plásticos para conservar a umidade e novamente estava pronta para ser utilizada.

Conforme Galvão (2008, p. 88),

ao utilizar-me da cerâmica como meio principal de expressão e construção, lido diretamente e de forma fundamental com os quatro elementos materiais – terra, fogo, água e ar – que a filosofia e as ciências antigas, seguidas pela alquimia, colocaram na base de todas as coisas.

⁶ A argila de Maracajá está sendo utilizada pelos alunos no ateliê de cerâmica da Unesc há muitos anos. Não encontrei informações se foram realizados testes de sua composição.

A reutilização da argila trouxe-me um enriquecimento no processo de produção da obra. Vê-la em todas as fases desde a secagem, depois a hidratação e logo mais tornar-se um material novamente maleável foi de um grande aprendizado. A argila trás consigo uma liberdade de expressão. Suas inúmeras possibilidades proporcionam ao artista um criar sem fronteiras

2.4 CRIAÇÃO ARTÍSTICA

À medida que o tempo foi passando e a produção textual sendo desenvolvida a prática artística foi se transformando, ganhando um novo olhar para a criação da forma, resultando assim, em um conjunto de formas-árvores.

No decorrer do processo se fez necessário buscar responder questões processuais que no decorrer do caminho foram surgindo. Primeiramente ficou visível na minha criação a questão da memória, comungo com Galvão (2008, p. 89), em que afirma “a relação com a matéria, com a terra ativa meu universo de imagens internas e é esse que vem à tona nas formas que crio.”

O imaginar o fazer do artista, muitas idéias para os trabalhos foram encontradas nas minhas anotações no diário, nele elaborei diversos esboços, desenhos e refiz projetos para o desenvolvimento da forma, do objeto artístico. Ao longo do percurso fui percebendo o trabalho ganhando corpo e a matéria ganhando forma através da modelagem.

Modelar a forma desejada em argila requer disciplina, muita paciência, concentração, criatividade e também uma dose de entrega. No desenvolvimento da forma escolhida - forma/árvore, parto primeiro da modelagem da forma através do gesto de modelar, do contato da argila nas mãos, da peça ganhando forma. É um momento especial difícil de descrever. Para os detalhes utilizo apenas algumas ferramentas específicas, os estecos, também conhecido como estecas. Moldo primeiramente o tronco, deixando aparecer através do gesto às impressões das mãos, um registro pessoal na obra. À medida que o tronco vai ganhando forma, parto para as raízes. Ao fazê-las me recordo e retorno ao meu passado da infância, das raízes das árvores do meu quintal, onde tantas vezes corri alegre; ao retornar ao presente real a forma/árvore ganha outra dimensão enquanto forma/cerâmica. Em seguida parto para os galhos, estes mais simplificados, eu diria mais abstratos,

libertos ao vento, aquele vento das minhas lembranças que faziam as árvores balançarem.



Figura 5 - Modelando peças cerâmicas
Fonte: Arquivo pessoal da autora

Depois de prontas as peças necessitam de um tempo – a secagem – e com ele há uma espera que trás consigo uma inquietação das lembranças. Na cerâmica, quando as peças ainda estão “verdes” (estado conhecido na cerâmica como estado de couro). Passado mais algum tempo, alguns dias, me dou conta que as peças não estão mais escuras como antes, estão secando lentamente. Depois de completamente secas (em estado de osso), as peças estão prontas para serem queimadas em forno cerâmico e transformadas no em biscoito.



Figura 6 – Forma/árvores em processo de secagem
Fonte: Arquivo pessoal da autora



Figura 7 – Forma/árvores em processo de secagem
Fonte: Arquivo pessoal da autora

A etapa a queima na cerâmica também conhecida como sinterização, nessa fase a argila passa por uma série de transformações nos componentes da massa cerâmica, tais como: perda de massa (retração), desenvolvimento de novas fases cristalinas, formação de fase vítrea e a soldagem dos grãos. A queima do biscoito, foi realizada em torno de 900°C em forno elétrico. O resultado do processo de queima garantiu as características exigidas como a resistência mecânica.

Os dois principais processos de queima: a *monoqueima* e a *biqueima*. Abaixo a descrição dos dois processos:

- *Monoqueima*: a sinterização do corpo cerâmico, a vitrificação dos esmaltes e a estabilização das cores ocorrem em uma única etapa. A monoqueima é o procedimento no qual são queimados ao mesmo tempo a base e o esmalte. Esse processo confere maior ligação entre o biscoito e o esmalte, dando-lhe maior resistência;
- *Biqueima*: o tratamento de queima é dado somente ao esmalte, uma vez que a base (biscoito) já havia sido queimada anteriormente. Este foi o procedimento adotado nesta pesquisa.



Figura 8 – Forma/árvores queimadas em forno cerâmico
Fonte: Arquivo pessoal da autora

Depois da queima foi realizada a esmaltação das peças. Primeiramente foram realizados vários testes para identificar qual o melhor esmalte e temperatura adequada. Feita a escolha foi aplicado nas peças através da técnica de imersão, descrita em seguida, assim surgiram novas superfícies para as formas/árvores.



Figura 9 – Forma/árvores esmaltadas
Fonte: Arquivo pessoal da autora

A esmaltação consiste na colocação de vidrados sobre a peça de cerâmica. Os vidrados, no entanto podem ser transparentes ou opacos. Para os transparentes é possível observar a cor da argila. Já para os opacos as peças ficam completamente cobertas. Ao realizar a esmaltação das forma/árvores foi utilizado esmalte branco.

Quanto às formas de esmaltar, segundo a autora Gabbai (1897) é possível realizar este trabalho da seguinte forma:

- *Imersão*: Consiste em colocar a peça dentro do recipiente contendo o esmalte. E esperado cerca de dez segundos para retirá-la.
- *Pulverização*: Este procedimento utiliza-se de compressor de ar acoplado a um revolver de pintura e é pulverizada a peça até que ela atinja a espessura de esmalte desejada.
- *Banho*: se divide em banho interno: onde é colocado esmalte dentro da peça e girado até que todo seu interior esteja coberto. No banho externo: as peças cerâmicas são colocadas sobre duas ripas de madeira e depois joga-se o esmalte sobre ela, de modo que, o excesso de esmalte caia sobre a bacia.
- *Pincel*: Para este tipo de esmaltação e colocado pingos de esmalte sobre a peça e espalhado com o pincel sem que haja muito a contato do pincel com a peça, para que não fique marcado.

Para a realização da esmaltação das forma/árvores foi utilizado à técnica de imersão, ao colocá-las sobre o recipiente que contém o esmalte, foi possível sentir a emoção de ver minha obra praticamente pronta. Agora basta queimá-las (1050°C) e aguardar o resultado final, o que antes era apenas uma idéia, um projeto já está praticamente concretizado.

Assim, a partir dessa percepção do conjunto - forma/árvore surge novas inquietações, e para isso, além dos autores para auxiliarem nas reflexões, busco estabelecer diálogos com três artistas catarinenses: Alexandre Antunes, Rosana Bortolin, Ilca Barcellos, visto que, ambos abordam assuntos do meu interesse trazendo para suas práticas os conceitos, que também são os meus, de memória e repetição incorporados nas formas (orgânica, da natureza entre outras). Semelhanças essas observadas no transcorrer de todo meu processo, que serviram para o fazer artístico como uma força que impulsionou para o trabalho, então foi importante pela percepção que tive deles em suas produções e de como tratam à cerâmica e a arte contemporânea.⁷

2.5 PAISAGEM INVENTADA NA CERÂMICA

⁷ No capítulo “DIÁLOGOS COM ARTISTAS REGIONAIS” (p. 43) vou tratar desses diálogos estabelecidos pelo mesmo interesse, o processo poético na cerâmica.

E a árvore fosse apenas uma árvore e simplesmente uma árvore, se o rochedo fosse apenas uma massa pedregosa de formas atormentadas, se o regato fosse água apenas, não contemplaríamos uma paisagem, mas uma sucessão de objetos justapostos. (CAUQUELIN, 2007, p. 154)

A partir da percepção de minha prática artística sendo desenvolvida, do conjunto de forma/árvores sendo construído no ateliê de cerâmica, das repetições, percebo que, no percurso da obra não se trata apenas de um objeto cerâmico, e sim, da somatória de vários elementos constituintes que vão dar corpo a obra, a uma instalação.

Começo a pensar nesta proposta artística, como uma paisagem inventada, e pesquisando o termo paisagem, trata-se dos objetos criados que ganham nova (re)significação ao ser exposto em um espaço expositivo. As forma/árvores dentro de um espaço expositivo criam novo sentido.

Ao desenvolver esta prática artística na cerâmica, procurei envolver os materiais que ofereceriam o sentido de paisagem, a materialidade da argila transformado em forma/árvores, elaborada em diferentes tamanhos, texturas, ritmos, e armazenadas de memórias.

As peças foram desenvolvidas, queimadas e esmaltadas no ateliê de cerâmica da Unesc. Depois de prontas foram embaladas e guardadas. Na data prevista a obra foi montada no espaço da galeria de Arte Contemporânea – FCC. O espaço definido para a exposição foi realizado antecipadamente em uma visita prévia com todos os participantes/bacharelados.⁸

Na proposta da instalação intitulada *Paisagem Inventada*, busco dar novo sentido aos guardados, cada forma/árvore representa as lembranças que no decorrer do processo artístico foram recordadas. Conforme Cauquelin, diz que:

O mesmo se passa com a paisagem, para a qual são convocadas, Uma por vez, as figuras de circulação indispensáveis a seu estabelecimento. Porque nos é necessário, para fazê-la existir, passar da árvore à floresta, do reservatório d'água ao oceano, do matriz à cor "autêntica", desse monte de pedregulhos à ruína que exprime a memória do passado. (CAUQUELIN, 2007, p. 153-154)

No espaço expositivo em que foi montada, os objetos artísticos ganham nova força por me apropriar dos elementos que estão nesse local. Passo a perceber que durante a montagem da instalação, os detalhes passam a se tornar parte da

⁸ No anexo (A) encontra-se a planta baixa da Galeria de Arte Contemporânea da FCC, onde localizo o espaço onde apresento a instalação *Paisagem Inventada*.

obra como a bancada de azulejos brancos, as gavetas de madeira, o chão desgastado pelo tempo; elementos estes, carregados de memórias também dos outros. Ao distribuir pelo chão e bancada de azulejo as forma/árvores, me dou conta que, além das minhas memórias somaram-se ao conjunto, outras memórias, pertencentes também as existente na galeria; e nestas gavetas, onde também serviu para os guardados de alguém, serve neste momento para guardar parte de minha obra, pelo menos até o momento de ser exposta ao público, no entanto, por opção, mantenho-a aberta. Este espaço expositivo trouxe um enriquecimento visual e sensível ao trabalho, uma espécie de costura – texto e obra.



Figura 10 – Instalação: Detalhe - *Paisagem Inventada*, 2012
Fonte: Arquivo pessoal da autora

3 ARTE CONTEMPORÂNEA

A arte surgiu da necessidade de expressão das pessoas, é a manifestação de diversas linguagens, tendo como foco a cultura. Tem como objetivo saber repassar para a sociedade uma forma de admiração constante, um olhar curioso, repleto de atenção. Segundo Coli (1987, p.13), “a arte instala-se em nosso mundo por meio do aparato cultural que envolve os objetos: o discurso, o local, as atitudes de admiração etc.” A arte estimula os sentidos de todos que estão a sua volta.

Ao traçar uma definição para a arte, é possível verificar que a mesma busca instigar e ampliar as possibilidades de se organizar o mundo.

Conforme Coelho,

Toda arte é feita a partir da arte. Tem sido assim há mais tempo do que se pode determinar. Em outras palavras, toda arte é feita por que alguma arte anterior foi vista, por que alguma arte anterior serviu de estímulo – estímulo para sua reprodução, estímulo para sua negação. (COELHO, 2006, p. 211)

Existe, no entanto uma parcela muito importante de compreensão sobre a arte é a sua história. Como ela foi materialização e possui um grande número de relação com a sociedade. A história da arte para ser precisa deve ter conhecimento efetivo. Para Canton (2009, p. 13) a arte, “precisa conter o espírito do tempo, refletir visão, pensamento, sentimento de pessoas, tempos e espaços”. A história da arte abrange vários períodos, a seguir pontuo a arte contemporânea, fazendo uma breve introdução e aceitação no meio social.

Com o decorrer dos tempos, a arte moderna passou por um desgaste, e ganhou um novo significado, como consequência o espectador passou a fazer parte da obra, deixando de apenas observar para sentir e ser a obra artística.

Diante disto a autora destaca,

a arte contemporânea que surge na continuidade da era moderna se materializa a partir de uma negociação constante entre arte e vida, vida e arte. Neste campo de forças, artistas contemporâneos buscam um sentido, mas o que finca seus valores e potencializa a arte contemporânea são as inter-relações entre as diferentes áreas do conhecimento humano. (CANTON, 2009, p. 49)

A busca pelo novo, fez com que a arte cedesse em seus critérios

acadêmicos, fazendo o clássico perder espaço e assim, dando lugar a arte contemporânea. Há dados que seu início ocorreu por volta dos anos 60, tendo como princípio dos artistas, a libertação de sua arte.

Conforme Bueno,

o mercado de vanguarda contemporânea, que nasceu nos Estados Unidos em torno do expressionismo abstrato, adquiriu configuração internacional com o *pop-art*. Os anos 60 corresponderam ao seu fortalecimento e desenvolvimento; os anos 70 assinalaram sua consolidação. (BUENO, 2001, p. 219)

As décadas de 60 e 70 podem ser consideradas como a fase primordial desta arte que passou a dar uma nova forma de expressar de modo mais dinâmico e com liberdade.

Segundo o autor Cocchiarale (2006, p. 15), “A arte contemporânea não é um campo especializado como foi a arte moderna. Centradas na busca de uma arte autônoma em relação ao universo temático [...]”. Sendo assim, a arte contemporânea retrata o cotidiano, a banalidade, ela possui a liberdade de expressão.

O autor ainda define que a arte contemporânea,

[...] esparramou-se para além do campo especializado construído pelo modernismo e passou a buscar uma interface com quase todas as outras artes e, mais, com a própria vida, tornando-se uma coisa espalhada e contaminada por temas que não são da própria arte. Se a arte contemporânea dá medo é por ser abrangente demais e muito próxima da vida. (COCCHIARALE, 2006, p.16)

Desta forma, se faz refletir que a arte contemporânea transmite a realidade da sociedade, de uma pessoa diferente da outra, cada um com seu estilo transformando sua expressão em arte.

Seguindo os apontamentos do mesmo autor (2006, p. 67), que diz: “a arte contemporânea pode estar em vários lugares simultaneamente desempenhando funções diferentes. Mas o principal de tudo isso são os novos tipos de relação que nos faz estabelecer.”

3.1 INSTALAÇÕES NA ARTE CONTEMPORÂNEA

Entre as mais diversas linguagens artísticas da arte contemporânea, surgem as instalações. Segundo Carvalho (2005, p. 139), “uma instalação pode ser projetada, concebida intelectualmente, planejada em seus variados elementos, mas só se efetivará plenamente – como objeto artístico e passível de fruição estética – em vista de uma localização específica.”

O conceito de instalação vai além do espaço onde a obra vai ser instalada. Ela consiste em objetos, pinturas, fotografias, monitores de vídeos, esculturas que operam no desenvolvimento da produção. Desta forma, uma instalação é composta por mais de um elemento. Essa trás infinitas possibilidades de criação. Tendo assim, inúmeras formas de compor essa linguagem.

No momento em que a obra é montada, podemos ver a dimensão do espaço nesse suporte tridimensional. O artista ao escolher o espaço se apropria de elementos do próprio lugar, tendo eles a mesma temática da obra ou não, que entram na instalação e provocam inquietação.

Conforme Carvalho,

[...] toda e qualquer obra de arte, quando exposta, estabelece alguma vinculação de ordem física e ordem simbólica com o local que a acolhe. O próprio espaço ocupado pela obra em exposição possui dimensão simbólica e espessura história e cultural, funciona como um parâmetro para o reconhecimento da obra de arte como objeto com valor legitimado pelo campo artístico. (CARVALHO, 2005, p. 6)

A questão de espaço nas instalações é de fundamental importância. O começo da criação da obra pode ocorrer em um lugar, mas o termino só acontece no local onde a obra é instalada. Então esta questão de espaço trás consigo um conceito de que as instalações são produzidas e expostas no mesmo espaço. Para O'Doherty (2002, p. 36), “o espaço é hoje apenas o lugar onde as coisa acontecem; as coisas fazem o espaço existir.”

No entanto, a instalação pode ser transportada para outro local; montada, desmontada e instalada outra vez, possuindo assim um caráter nômade. Na instalação aqui apresentada *Paisagem Inventada*, obra desenvolvida para a exposição de trabalho de conclusão de curso, possui este caráter, pois as peças cerâmicas constituintes foram transportadas do ateliê de cerâmica, para este novo espaço institucionalizado, a galeria d e Arte Contemporânea da FCC. E em outra

ocasião pode ser instalada e exposta em outro lugar (galeria, museu) acrescido ou não de novos materiais, objetos.

Para Carvalho,

a obra não foi criada para uma localização específica, no sentido em que não explora necessariamente a vinculação com uma dada arquitetura ou com as funções de um dado lugar. Pode ser instalada, des-montada e instalada em outra situação, isto é, em outro sítio. Os elementos que a compõem podem ser mantidos e re-instalados [...]. (CARVALHO, 2005, p. 202)

Outro aspecto relevante de uma instalação é relação com o público, na arte contemporânea a relação da obra com o espectador esta muito presente. Conforme a autora (2005, p. 263), “[...] o papel desempenhado pelo espectador para este segmento da produção e nesta linha de argumentação, o espectador está interligado a obra, ele interage, participa e manipula o objeto artístico.



Figura 11 – Instalação: *Paisagem Inventada*, 2012
Fonte: Arquivo pessoal da autora

Para a instalação a relação entre o objeto artístico, espaço e espectador, é de fundamental importância. Esse conjunto de elementos faz com que a arte ganhe novo sentido.

Assim, a obra aqui apresentada e descrita, onde procurei evidenciar a minha memória pessoal na criação de múltiplas forma/árvores, que deram origem a instalação *Paisagem Inventada*, e ao ser apresentada no espaço da galeria, acredito que, a interação do público primeiramente se dará através da percepção sensível da obra.



Figura 12 – Instalação: Detalhe - *Paisagem Inventada*, 2012
Fonte: Arquivo pessoal da autora

4 CERÂMICA

Neste capítulo será apresentado um breve panorama da evolução da cerâmica. Também abordo sua identificação no decorrer do tempo, as características que aprimoram este processo de produção de obras artísticas no meio cultural.

4.1 ORIGEM E EVOLUÇÃO CERÂMICA

A cerâmica é de origem muito antiga de acordo com levantamentos arqueológicos, sendo encontrada em diversas culturas. Segundo a autora Augusto (2010), a cerâmica ao lado da pintura rupestre, é uma das expressões mais antigas. E sobre ela existe o encantamento da transformação. O homem, a partir do barro (argila), molda formas bi e tridimensionais que podem ser desde objetos utilitários, quanto decorativos. Há indícios que a cerâmica teve sua origem ainda nos primórdios da civilização com a descoberta do fogo. Sabe-se também que através da história o homem primitivo do período paleolítico (antes de 10.000 A.C.), era nômade e habitava cavernas e sua sobrevivência dependia da caça e da pesca. Segundo o autor Navarro (1997, p. 9), observa-se que, no período neolítico, “o homem torna-se sedentário e começa a organizar-se socialmente. Já não vive apenas da caça e da pesca, nasce à agricultura e o pastoreio, e começa a surgir à necessidade de armazenamento da água e dos alimentos.”

Desse modo, conforme o referido autor foi certamente por acaso que a descoberta da argila amassada e levada ao fogo endurecia e tornava-se resistente poderia resolver muitos problemas. Busco em Penido e Costa (1999, p. 9), através da afirmação onde diz que: “o homem pré-histórico descobriu o fogo e percebeu que a ação das chamas era capaz de endurecer o barro.” Assim, fez-se surgir uma nova linguagem, a cerâmica. A arte da modelação, descoberta ao acaso, evoluiu rapidamente, da roda do oleiro as mais elaboradas e variadas técnicas do fazer e do revestir cerâmico com o passar dos tempos.

Para Gabbai (1987, p. 9), “a cerâmica sempre foi parte integrante do desenvolvimento de várias culturas. Através dela se pode perceber o intercambio entre os povos”. Assim, através dos vestígios encontrados podem-se constatar as diferenças existentes, as técnicas de manuseio e a evolução da cerâmica, em cada

época e cultura, onde cada qual acabara por desenvolver um estilo próprio. A cerâmica passou a ter então características únicas dentro de cada civilização.

4.2 CERÂMICA CONTEMPORÂNEA

A cerâmica durante toda sua história foi apreciada como arte, em meados do século XIX na Europa Ocidental o trabalho do ceramista foi basicamente substituído pela produção industrial. Somente a partir de alguns movimentos de contra-revolução é que a cerâmica foi sendo redescoberta. Estas mudanças ocorreram devido ao um grande movimento mundial. Segundo Gabbai (1897), Bernard Leach,⁹ ceramista inglês estabeleceu uma nova relação e abordagem para a cerâmica. E ainda conforme a autora a dificuldade maior para este artista estava em se equilibrar entre pertencer aos nossos dias e combinar os movimentos criativos e contemporâneos de arte com os períodos clássicos do oriente.

Nos últimos tempos, ampliou-se o conceito de cerâmica escultórica, as formas abandonam o minimalismo e se lançaram em busca de uma apreciação inovadora, as cerâmicas artísticas ganham as instalações e performances. Para este novo campo de atuação, segundo Frigola (2006, p. 16), o artista “[...] utiliza a natureza como âmbito de expressão e com a qual se amplia o conceito de escultura, convertendo-se numa categoria moldável susceptível de todo o tipo de liberdades.” Nestas novas propostas os artistas buscam ampliar o campo de atuação, fazendo com que as obras virem muitas vezes espetáculos. Deixa-se de lado o pedestal, se expande o conceito de escultura.

Para a Gabbai (1987, p. 9), “a cerâmica tal como ela se apresenta nos dias de hoje, surgiu aliada a uma volta ao naturalismo, material barato e abundante, o barro promove a reaproximação do homem com a natureza.” A autora ainda destaca que a cerâmica esta ligada a tecnologias de ponta, sendo redescoberta como material para a o futuro.

Várias são as técnicas hoje existentes na área da cerâmica, no entanto

⁹ **Bernard Leach** nasceu em Hong Kong (1887-1979), estudou na Slade School of Art, em Londres. Em (1911) descobriu a cerâmica. Após períodos no Japão e na China como experiente oleiro, passou a se dedicar exclusivamente à cerâmica tornando-se mundialmente conhecido (por volta de 1920). Publicou o livro “*Manual del ceramista*” (1940). Ensinou e viajou muito durante toda a sua vida. Em 1906, foi condecorado com a Ordem do Tesouro Sagrado no Japão e foi feita Companion of Honor, em Londres, em 1973. O Museu Victoria e Albert em Londres organizou uma exposição retrospectiva da sua obra em 1977. Fonte:< <http://www.worldwisdom.com/public/authors/Bernard-Leach.aspx>>.

“há muita semelhança entre os primeiros artesões de que se tem notícia e os ceramistas contemporâneos, que exercitam a atividade em seus ateliês, apesar dos incríveis recursos tecnológicos que hoje se encontram à disposição dos ceramistas em países mais adiantados, como fornos, tornos, argilas, pigmentos, etc.” (Penido e Costa, 1999, p. 9).

As técnicas básicas como as cobrinhas, beliscões, torno, placas, entre outras técnicas existentes, ainda fazem parte do processo de criação na cerâmica. O torno e a cobrinha são técnicas muito antigas, apesar das várias mudanças ocorridas, esses métodos de trabalho não se modificaram muito. A técnica não se resume apenas na criação da peça, também está presente na secagem, queima, e esmaltação; essas tiveram evoluções com o passar do tempo, devido aos novos materiais descobertos.

4.3 CERÂMICA UTILITÁRIA E DECORATIVA

As primeiras decorações primitivas eram feitas com motivos geométricos, sendo símbolos de caráter religiosos ou ritualísticos. Normalmente representando seu cotidiano: a caça, a pesca, animais.

Para o autor Navarro,

É provável que as primeiras decorações sobre vasos cerâmicos tenham funcionado como meio de identificação dos oleiros; poucos depois, porém, o espírito artístico tê-los-á levado a decorar esses recipientes que eram tão úteis para o cumprimento das suas tarefas. (NAVARRO, 1997, p. 9)

Com o decorrer do tempo, diversas foram as regiões que se destacaram na produção de cerâmicas decoradas, sendo algumas dessas, na época neolítica, a cerâmica chinesa que passou a ter uma importante evidência nos cultos funerários. Sendo levadas para as sepulturas, ânforas de vinhos e vasos para alimentos, essas eram decoradas com reproduções de animais e servos, além das concubinas do defunto.

Na região mesopotâmica, surgem às primeiras decorações com pinturas, essas eram bastante simples e possuíam incisões antes da sua cozedura. Na cerâmica egípcia, houve uma admissão do verniz nas peças, e obtenção de várias cores nessa época.

Assim, a cerâmica se desenvolveu e as técnicas foram aprofundadas, destacando-se na forma e na decoração. As peças até hoje são objetos de decoração e também artigos utilitários. Sendo encontradas em diversas regiões e lares, desde nos mais ricos até nos menos providos.

4.4 CERÂMICA ARTÍSTICA

A cerâmica desde o princípio surgiu da necessidade do homem armazenar seus alimentos, ao longo do tempo estas peças cerâmicas além de serem utilitárias passaram a ser decoradas, fazendo aflorar elementos artísticos nos processos cerâmicos.

A partir do desenvolvimento das indústrias e a produção em série, a cerâmica perde suas características na arte. Sendo que, no final do século XIX, nas exposições na Europa as cerâmicas da China e do Japão passaram a ser adquiridas e valorizadas pelo diferencial estético e valor artístico. Para Frigola (2006, p. 10), “a qualidade estética e técnica realça o valor artístico da cerâmica e retira-a das fábricas para devolver as oficinas artesanais.” A cerâmica volta a ser um objeto artístico na medida em que o artista passa a agregar o valor de arte, valorizando-a pela fatura manual, artesanal.

Segundo a autora Frigola (2006, p. 10),

A união da indústria com a arte para obtenção de um produto útil e belo, fato em que assentam os fundamentos do conceito de design, permitindo que as Artes e Ofícios ganhem terreno, que o objeto de uso corrente se converta num produto de luxo e que se comece a conceber a cerâmica como uma arte.

A cerâmica passou por vários processos de mudanças, acrescidas de valores, seja no utilitário, decorativo, artístico. Embora ela tenha surgido do acaso, de uma necessidade humana, esses valores artísticos sempre estiveram presentes ao longo de sua história.

4.5 CERÂMICA MUNDIAL E BRASILEIRA

Sabe-se que a cerâmica surgiu desde a antiguidade. Com a descoberta do fogo, o homem percebeu que a argila ao ser queimada se transformava em um

material inalterável pela ação de qualquer líquido, como a água. E ainda poderia armazenar alimentos, como grãos e ser adornada pela decoração.

Segundo Riella,

A cerâmica acompanha a humanidade desde seus primórdios. A Arqueologia apresenta peças cerâmicas datadas de 25.000 A.C encontradas em continente Europeu. No Brasil as peças mais antigas foram encontradas na Amazônia datadas de 8.000 A.C. Os principais usos das peças cerâmicas da antiguidade eram o armazenamento de alimentos, geralmente grãos, ou líquidos evoluindo para peças de decoração. (RIELLA, 2010, p. 3)

Trata-se de uma importante linguagem artística que se desenvolveu nas mais variadas formas, sendo confeccionados objetos decorativos e utilitários. A autora Gabbai (1987, p. 9) traz uma respeitável informação, “em várias civilizações antigas havia o costume de enterrar junto aos mortos seu objeto de uso pessoal e figura guardiãs dos bons espíritos”. Com isso foi possível conservar material arqueológico (cerâmicas) para ser estudados em épocas posteriores.

Ainda seguindo as reflexões da autora (1987) que confirma, os gregos (1000 – 330 a.C.) conforme as assinaturas e cenas de batalhas desenhadas nas cerâmicas foram possíveis confirmarem que tanto os oleiros quanto os ceramistas era homens. Já na China entre o período de (550-480 a.C.) havia uma divisão para o trabalho entre homens e mulheres seguindo uma tradição religiosa. Durante toda sua história a cerâmica foi considerada como arte, porém no século XIX na Europa Ocidental o trabalho cerâmico foi substituído pela produção industrial. Foi com os movimentos de contra-revolução que se estabeleceu uma nova relação para a cerâmica, foi preciso combinar os movimentos contemporâneos com a arte do período clássico do oriente.

Aqui no Brasil a cerâmica se destacou principalmente na cultura indígena, sendo feito principalmente vasilhas para uso próprio. Outras populações do interior do país também desenvolveram estas culturas de forma a produzir peças em grande quantidade, onde os homens se dedicavam na busca pela matéria e as mulheres na produção e nos moldes. No atual cenário brasileiro existe uma propagação de várias regiões, algumas dessas possuem na cerâmica sua maior fonte de renda, embora em outras, trabalhem com esta linguagem pelo valor cultural ou pelo lazer.

4.6 CERÂMICA REGIONAL

O estado de Santa Catarina possui um importante pólo cerâmico, com destaque nacional. A maior concentração de indústrias está na região Sul, em Tijucas, na grande Florianópolis. É também considerado o segundo maior exportador do Brasil de cerâmica para revestimento e líder na América Latina em produção de cerâmica de mesa. A indústria de cerâmica vermelha também se destaca dentro desse segmento de atividade.

Quanto à cerâmica artística, as instituições Unesc e Udesc vêm se destacando na região como importantes instituições de ensino e no segmento por oferecer em seus respectivos cursos de Artes Visuais a disciplina de cerâmica. Através desse ensino/aprendizagem, ambas estão proporcionando o processo formativo e provocando um intenso exercício reflexivo sobre os fundamentos da aprendizagem artística nesta área.

Segundo Mattar, (2010, p. 191), “a arte e a educação são campos intersubjetivos que propiciam experiências simultaneamente individuais e coletivas. Ambas nos colocam em contato com tudo o que nos é permitido a nós e aos outros ao mesmo tempo.”

Assim, ao se contemplar lugares (escolas, instituições, indústrias) que favoreçam e contribuam para o crescimento individual e coletivo, que valorizem a pesquisa, a reflexão e a prática, todos estes desafios e incentivos vem contribuir para o desenvolvimento de novas potencialidades e percursos criativos em todas as áreas do conhecimento.

5 DIÁLOGOS COM ARTISTAS REGIONAIS

Este capítulo trata de diálogos estabelecidos pelo mesmo interesse, o processo poético na cerâmica. Busco assim elucidar a problemática da pesquisa: como os processos de cerâmica estão sendo abordados pelos artistas contemporâneos regionais? A partir de escolhas poéticas, trago para este diálogo os artistas catarinenses Alexandre Antunes, Rosana Bortolin, Ilca Barcellos.

5.1 ALEXANDRE ANTUNES

A modulação no trabalho de Alexandre é produto da repetição constante de um movimento, como se passássemos "uma faca na manteiga", resultando essa ação em módulos de argila, que ao serem colocados um ao lado do outro surge uma imagem nova "repetição e diferença" acentuada pelos vários tons da própria argila, que possibilita uma recombinação estrutural e visual. (JORGE FERRO)

Alexandre Antunes ¹⁰ artista criciumense possui uma produção artística peculiar no desenvolvimento de seu processo poético na cerâmica, buscando na argila ainda crua, natural a potencia para suas práticas artísticas.

O trabalho aqui apresentado (S/Título, 1999), o artista traz um olhar para a materialidade da argila moldada, medindo (60 cm) de diâmetro, sendo que cada peçinha cerâmica mede em torno de (03 mm) aproximadamente. Nesta obra o artista explora vários tons da própria argila queimada (biscoito) e suas possibilidades de (re)combinação visual. Especificamente, nesta obra o artista queima as peças cerâmicas, mas em grande parte de suas práticas artísticas apresenta a argila em sua potencia natural, sem queima.

¹⁰ Artista em destaque no cenário contemporâneo regional, participando em salões, exposições tanto individuais quanto coletivas, em Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Acadêmico em Artes Visuais – ESUCRI.



Figura 13 - S/Título, 1999
Fonte: Alexandre Antunes

As memórias também fazem parte dos guardados desse artista que também já se utilizou delas para desenvolver algumas obras. Investigando os guardados e relatos do artista, disponibilizados em (DVD), relata que, algumas criações se deram a partir do próprio terreno da infância, onde em um período de sua vida, quando retorna a Criciúma encontra esse lugar que na infância ele brincava com amigos. E que atualmente este local deu lugar a uma construção.

Estas semelhanças me fizeram escolher este artista para dialogar com minha obra. A questão de repetição para o artista é um conceito largamente explorado, a memória, as lembranças da infância que estão presentes em seus trabalhos, particularidades também referidas na minha prática artística.

Na obra logo a baixo (S/Título, 2009), Alexandre Antunes utiliza o espaço da galeria para criar e desenvolver a obra. Trabalha com a questão dos módulos de repetição, geométricos lembrando pisos cerâmicos, mas nesse caso ele utiliza argila ainda natural, crua, construindo com cuidado módulo a módulo, explorando os tons naturais das argilas da região, as texturas, os formatos.



Figura 14 - S/Título, 2009
Fonte: Alexandre Antunes

5.2 ROSANA BORTOLIN

Minha escolha pela artista Rosana Bortolin ¹¹ se deve pelo fato da mesma trabalhar com arte cerâmica contemporânea. Esta artista se utiliza da cerâmica para produzir obras ligadas a natureza e ao ser humano, fazendo o uso da reprodução de uma mesma forma/objeto para a elaboração de sua obra.

Segundo a artista em entrevista realizada pelo CEART/UDESC.

As influências estão diretamente relacionadas à forma como me relaciono com o mundo. Aprendo com a vivência, minha forma de pensar e de agir é fenomenológica. Tento aprender sempre procuro me colocar no mundo como aprendiz. Minha relação com as coisas está na forma como as percebo e, no momento em que as percebo, começo a processá-las. É como se apertasse um botão de "ligar" e aquilo não sai da minha cabeça enquanto não crio alguma coisa em forma de arte. As vezes estou assistindo a uma palestra, ou a um jornal, uma imagem, uma palavra ou qualquer coisa pode desencadear uma necessidade de criar algo, e aí meu cérebro não pára.

¹¹ Graduada em Desenho e Plástica em Passo Fundo/RS, especialista em Cerâmica; sendo também professora do Centro de Artes da Universidade de Santa Catarina. Tem mestrado pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade/SP, doutorando-se em escultura pela Universidade do País Basco/Espanha.

Muitas vezes gasto tanta energia tentando resolver mentalmente a forma plástica que quero dar para a idéia que fico exausta. (BORTOLIN, ROSANA)

Varias são os assuntos que dão origem as suas obras. Desde ninhos de pássaros e partes do corpo feminino são exemplos de onde a artista busca material para seu processo artístico. *Passagens-Vaginas* (Nômades e Anônimas) e *Ninho de João-de-Barro* são duas de suas obras escolhidas.



Figura 15- *Passagens-Vaginas* (Nômades e Anônimas)

Fonte:< <http://wp.clicrbs.com.br/missaocasa/2010/02/19/arteerotica/?topo>>

Na obra *Passagens-Vaginas* (Nômades e Anônimas), a artista apresenta vários objetos em cerâmica na forma de vagina, trazendo consigo suas inquietações e angústias na posição do ser e viver enquanto mulher neste contexto. Sendo uma intervenção em locais públicos ou privados, possui um contato direto com o espectador, segundo entrevista da artista (2010),

ao instalarem-se as obras, surgiram novas significações exploradas pelos fruidores, e assim passei a incorporar a participação dos espectadores no trabalho, os quais trocavam as vaginas de lugares, entrando no jogo de interação entre espectador e obra. Vale ressaltar que nenhuma das peças possui autoria, são discretamente instaladas, fotografadas e abandonadas. (BORTOLIN, ROSANA)

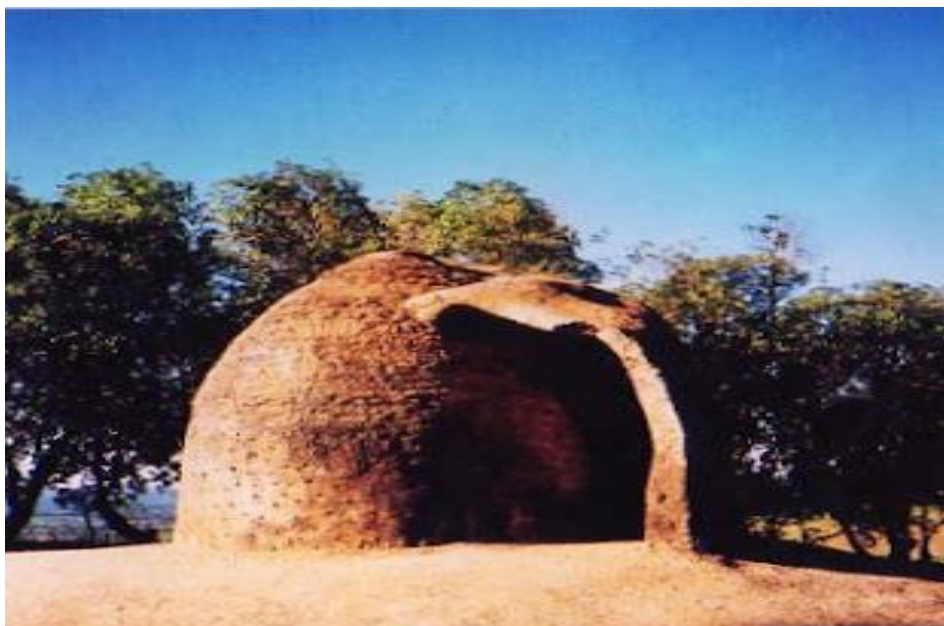


Figura 16 - Ninho de João-de-Barro.

Fonte: http://bandodebarroinvadeportoalegre.blogspot.com.br/2008_10_01_archive.html.

Nesta outra obra escolhida *Ninho de João-de-Barro*, a proposta foi de estar com a obra na paisagem, por isso foi construída em um lugar específico. Quando a peça cerâmica (o ninho) estava completamente seca foi queimada com o método utilizado em forno artesanal de papel, sendo este construído ao redor da peça. Sua idéia busca relações com a natureza, surgindo assim uma serie de ninhos.

Assim como na minha instalação *Paisagem Inventada* onde utilizo de minhas experiências e memórias no processo do fazer cerâmico, a artista utiliza suas vivências e também experiências acumuladas nos percursos. A relação corpo e natureza estão em comunhão permanente em suas obras. A artista narra em sua dissertação de mestrado (2005, p. 15), estas aproximações entre “o pensar, o ensaiar, o operar, o transformar as imagens percebidas em formas cerâmicas, mantêm o entrelaçamento dos meus atos com o meu imaginário, assim, meu corpo se faz atento e se posta sobre minhas ações e minhas palavras.”

Influenciada pelo mundo, seu corpo, natureza, as imagens retiradas de seu acervo pessoal sempre presentes em seus trabalhos, estuda e transforma em formas cerâmicas as informações percebidas sensivelmente.

5.3 ILCA BARCELLOS

A artista Ilca Barcellos ¹² traz suas vivências e experiências adquiridas como professora de biologia para o universo da cerâmica. Quando apenas lecionava a mesma utilizava a cerâmica para criar seres que não são vistos a olho nu, para poder ensinar seus alunos, com isto foi sendo conquistada pela cerâmica.

Conforme a artista,

a temática que perpassa no conjunto de meu trabalho é a pulsação da vida, do mundo biológico. Busco, portanto, a inspiração em estruturas vitais ligadas ao germinar da vida, ao brotar. São estruturas aparentemente frágeis e tênues, mas que condensam em si a capacidade do devir, do tornar-se algo, do modificar-se. (ILCA BARCELLOS)



Figura 17- Exposição “La génétique hedoniste”, 2008
Fonte: http://ilcabarcellos.blogspot.com.br/2010_07_01_archive.html

Minha prática artística como as da artista Ilca tratam de temas que envolvem questões da vida e refletem sobre a experiência do ser, em todos seus aspectos. Ilca Barcellos traz no trabalho sua vivencia da biologia, já na minha criação trago a vivência da infância, as experiências passadas no decorrer da vida.

¹² Nascida em Pelotas/ RS, Ilca Barcellos foi professora de biologia, com mestrado em Botânica, atualmente dedica-se à cerâmica escultórica. Suas obras são marcadas pela arte, poética e ciência.

As formas/objetos da artista são irreais, surrealistas, imaginárias. Em seu processo poético distorce a figura inicial e a transforma em abstrata, gerando um mundo só seu de pura imaginação. Suas formas revelam seres retorcidos, contraídos em busca de novos movimentos.



Figura 18- Ovóides e embriões, 2010

Fonte: http://ilcabarcellos.blogspot.com.br/2010_10_01_archive.html

6 ABORDAGEM METODOLOGICA

Movimentar-se de forma criadora é conviver com múltiplas possibilidades, levantando e testando hipóteses por meio das quais podem ocorrer modificações que se concretizam em novas formas de pensar e agir. Esse processo não se resume a exploração; permeado que é pela reflexão, gera conhecimento. Assim como o diálogo, o movimento criador faz parte de todas as esferas da existência humana [...]. Esse é o motor da transformação. (MATTAR, 2010, p. 95)

Os desdobramentos metodológicos apontados durante os estudos realizados no transcorrer da produção artística e reflexiva, dado que, esta pesquisa parte de uma investigação pessoal em arte, mediante a abordagem do problema. Como os processos de cerâmica estão sendo abordados pelos artistas contemporâneos regionais? Podemos classificá-la como pesquisa qualitativa, exploratória, bibliográfica e descritiva.

Propõe-se assim, o procedimento metodológico de abordagem qualitativa para tentar compreender o processo artístico pessoal, e exploratório; com o objetivo de entender a relação e entrelaçamentos formados no transcorrer do percurso investigativo. Assim, após levantamento bibliográfico onde foram analisados os principais conceitos relacionados ao tema (repetição – forma/árvores), gavetas dos guardados envolvendo memória pessoal entre outros assuntos afins.

Nesta pesquisa optei pelo material - a argila, de coloração preta (antes da queima) da região de Maracajá/SC, onde ao ser queimada em forno cerâmico a 900°C (etapa conhecida como biscoito) a argila torna-se clara, quase branca. Também após muita reflexão, optei pela aplicação de esmaltes cerâmicos nas superfícies das peças cerâmicas (árvores), na cor branca. O esmalte aplicado nas peças cerâmicas foi queimado na temperatura de 1050°C em forno cerâmico/elétrico. Nesse período também visitei galerias e exposições de arte.

A pesquisa em arte segundo a artista e autora Sandra Rey (2002, p. 125), “a pesquisa em artes visuais implica um trânsito ininterrupto entre prática e teoria. Os conceitos extraídos dos procedimentos práticos são investigados pelo viés da teoria e novamente testados em experimentações práticas [...]”. O desenvolvimento da pesquisa se trata de dois caminhos totalmente interligados. A teórica, onde se faz pela escrita do assunto e a prática que gera o objeto artístico.

Também parte dos dados referenciais bibliográficos e descritivos, conforme a afirmação dos autores Lakatos e Marconi (2003, p. 160), “a pesquisa

bibliográfica é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema.”

Assim, o período de realização dessa prática artística foi de um semestre, período compreendido de janeiro a junho de 2012, esses meses foram divididos em etapas para um melhor gerenciamento do tempo e organizados conforme o andamento da pesquisa - levantamento bibliográfico, desenvolvimento textual da pesquisa e criação e produção da obra cerâmica.

7 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS CAMINHOS CONSTRUÍDOS

Ao iniciar meu trabalho de conclusão de curso em Artes Visuais, me deparei com uma certeza que deveria buscar conhecimento e desenvolver minha prática artística na cerâmica, pois foi à linguagem que mais me identifiquei e encantou ao longo do percurso acadêmico. Ao elaborar o projeto final e tendo em mente os caminhos percorridos, minha memória se fez presente e com ela as lembranças da infância, as quais aliadas ao processo artístico contribuíram para realização dessa pesquisa.

Ao longo do processo na cerâmica, as lembranças da infância oportunizaram a criação e o desenvolvimento do objeto/artístico. A partir dessas memórias procurei dar corpo ao objeto imaginado - as forma/árvores modeladas em argila. Depois de passar por várias etapas e procedimentos na cerâmica foi à vez de queimá-las e finalmente para o acabamento final, esmaltá-las.

Para alcançar o referencial teórico, o corpo reflexivo do texto, foi necessário estabelecer e comungar com diversos autores importantes, juntamente com os quais obtive um maior nível de conhecimento do universo da arte. As questões que a arte traz com ela desde os primórdios da história são na realidade uma fonte de memórias explícitas em que, cada traço, cada gesto comedido neste nosso universo em que, cada vez mais a importância das singularidades poéticas que se tecem e enriquecem o mundo, torna esse mundo menos complexo, muito mais sensível.

Através de um envolvimento maior com a arte contemporânea e nas questões levantadas onde foram abordados os principais focos de interesse para a pesquisa como da instalação na arte contemporânea, certamente, serviu para abrir um leque de possibilidades para novos trabalhos artísticos.

Quando aos diálogos com os artistas regionais que me sensibilizaram através de seus percursos e processos poéticos, constatei através das particularidades individuais, fazendo relação com meu processo artístico, conclui que, todos comungam o mesmo encantamento mutuo pela linguagem cerâmica, mantendo suas peculiaridades quanto as suas produções artísticas

Chego ao final desta pesquisa com a certeza de ter feito a escolha certa em todos os aspectos, pois o caminho percorrido até aqui me fez entender que, fazer arte e experienciá-la a partir do processo artístico pessoal, buscando na

memória o dispositivo para a criação requer muito estudo, reflexão e dedicação. Acredito assim, que a partir dessa abordagem pessoal em arte esta pesquisa seja de grande contribuição para o campo da arte e que possa possibilitar a construção de novas práticas artísticas na linguagem da cerâmica.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BUENO, Maria Lucia. **Artes plásticas no século XX modernidade e globalização**. Campinas, SP: FAPESP, 2001.

CAMARGO, Iberê. **Gaveta de guardados**. São Paulo: EDUSP, 1998.

CANTON, Katia. **Espaço e lugar**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. **Tempo e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CARVALHO, Ana M. A. de. **Instalação como problemática artística contemporânea**: os modos de espacialização e especificidade do sítio. 2005. 356 f. Tese (Doutorado em História Teoria e Crítica) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2005.

CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea**: uma introdução. São Paulo: Martins, 2005.

_____. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea?** Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2006.

COELHO, Teixeira (Org.). **Coleção ITAÚ Contemporâneo**: Arte no Brasil. São Paulo: Olavo Egydio, 2006.

COLI, Jorge. **O que é arte**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

GABBAI, Miriam B. B. (Org.). **Cerâmica**: arte da terra. São Paulo: Callis, 1987.

GALVÃO, Heloísa. **A terra e a construção da leveza**. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1986.

MATTAR, Sumaya. **Sobre arte e educação**: entre oficina artesanal e a sala de aula. Campinas – SP: Papirus, 2010.

MENEZES, Marina Pereira de. **A Arte contemporânea como conteúdo e fundamento para a prática do ensino de Artes**. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Artes, 2007.

NAKANO, Katsuko. **Terra fogo homem**. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 1989.

O'DOHERTY, Brian. **No interior do cubo branco**: a ideologia do espaço de arte. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PENIDO, Eliana; COSTA, Silva de Souza. **Oficinas**: Cerâmica. Rio de Janeiro: Senac, 1999.

NAVARRO, M. Pilar. **A decoração de cerâmica**. Lisboa: Parramón, 1997.

ROSI FRIGOLA, Maria Dolors. **Cerâmica artística**. Lisboa: Estampa, 2006.

_____. **Cerâmica**. Lisboa: Parramón, 2002.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Orgs.). **O meio como ponto zero**: metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p.123-40.

RIELLA, Humberto Gracher. **Cerâmica dos minerais á porcelana**. São Paulo: Ed. TecArt, 2010.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. São Paulo: FAPESP, Annablume, 2007.

Bibliografia Digital

Disponível em:

<http://www.bancocultural.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=4574&Itemid=588>. Acesso em 31/05/2012>.

Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27131/tde.../3788130.pdf>. Acesso em: 31/05/2012.

Disponível em: < <http://ilcabarcellos.blogspot.com.br/p/exposicoes.html>>. Acesso em: 31/05/2012.

Disponível em:< <http://ilcabarcellos.blogspot.com.br/p/atelie.html>>. Acesso em: 31/05/12.

Disponível em:

<<http://www.cadastrosindustriais.com.br/interna.aspx?uf=sc&opcao=introdutorias&numero=04p>>. Acesso em: 13/06/2012.

ANEXO(S)

Anexo (B)

Forma/árvore queimada em forno cerâmico.



Figura 20- Forma/árvore queimada em forno cerâmico.
Fonte: Arquivo pessoal da autora

Anexo (C)

Instalação Paisagem Inventada.



Figura 21- Instalação Paisagem Inventada.
Fonte: Arquivo pessoal da autora